

TVTEMPLOS

Mídia e proselitismo religioso

Desde que as diversas agremiações eclesiais decidiram investir pesados recursos em estruturas de comunicação, cada vez mais programas religiosos se apresentam diante de nossos olhos e ouvidos. Pouco a pouco, o Cristianismo converge seus espaços evangelísticos nos Meios de Comunicação Social. Segundo fontes credenciadas, são aproximadamente 40 horas semanais de programação religiosa televisiva. CONTEXTO PASTORAL analisa a influência da televisão, especialmente no que diz respeito ao discurso religioso dos vários programas veiculados e aos seus desdobramentos pastorais. Páginas 5 a 8

“Quem... não junta, espalha”

A minissérie “Decadência”, apresentada pela Rede Globo, esquentou a “guerra santa” entre a poderosa emissora de televisão, o bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, e rev. Caio Fábio D’Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira. Os ingredientes são os mais diversos, e é difícil saber quem está decadente. CONJUNTURA — Página 3

Outra violência

Sem entrar na reflexão sobre a violência que vitima populações de todo o mundo — crianças, jovens e adultos, sem distinção —, *Suplemento Debate* aborda outro tipo de violência, caracterizada por mecanismos e ações que visam impor determinadas formas de conduta e de ideologia e cercear a liberdade de pensamento e de idéias que vão contra os poderes constituídos.



Religião e TV: status questionis

Com alegria retornamos à temática da comunicação social. Esta continua representando um dos maiores campos de batalha da vida moderna. Em nosso Brasil, caoticamente urbanizado e marcado pelos abismos sociais aparentemente intransponíveis, a televisão persiste como o principal instrumento de mobilização. Assim sendo, neste número, conferimos um destaque especial à programação televisiva.

Inicialmente é tratado o poder de sedução do veículo, sedução esta que muitas vezes obscurece os poderes que traçam suas diretrizes. Alertar para a influência desses poderes significa, em última análise, retomar a discussão sobre o alcance da nossa democracia tupiniquim.

A influência virtual exercida pela televisão exalta os ânimos quando a discussão adentra os campos ético e moral. Por isso mesmo, é bastante conveniente uma reflexão na perspectiva que confronta o senso crítico dos telespectadores versus a recorrente demonização da programação televisada. Este é outro dos temas tratados.

O espaço cada vez maior da programação religiosa na TV abre um debate complexo sobre as abordagens equivocadas daqueles que deveriam ser os especialistas na matéria, bem como sobre as questões pastorais de fundo que os programas religiosos suscitam. Nessa linha, um dos artigos pretende, tanto apresentar o estado da questão, quanto inserir os leitores nesse amplo debate.

De passagem, temos uma cobertura dos conteúdos e propostas do mais recente congresso da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (Cehila). É muito oportuno um balanço da trajetória das igrejas em nossas latitudes, em face do presente momento de transição e de grandes transformações que nos cabe viver.

Por fim, iremos fazer uma incursão no território da teologia, mais especificamente, sobre a temática sempre atual da espiritualidade. Mais do que nunca, essa temática ecumênica exige um tratamento teológico equilibrado e consistente.

Neste número contamos com um Suplemento. Ele trata das muitas faces da violência, melhor dito, daqueles aspectos pouco contemplados. Teremos desde a escalada da violência armada no plano mundial, até as formas simbólicas e potenciais de violência incrustadas no conservantismo religioso; sem esquecer uma análise mais rigorosa e conseqüente da violência urbana.

Bom proveito!



Publicação bimestral de
KOINONIA Presença
Ecumênica e Serviço (Rua
Santo Amaro, 129 - 22211-230,
Rio de Janeiro/RJ. Tel.
021-224-6713 e fax
021-221-3016) e do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais - CEBEP
(Rua Fosa de Gusmão, 543 -
13073-120, Campinas/SP. Tel.
e fax 0192-41-1459).

Coordenadora da Unidade de
Comunicação de KOINONIA
Magali do Nascimento Cunha

Coordenador geral do CEBEP
Luiz Carlos Ramos

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Clóvis Pinto de Castro
Marcos Inhauser
Rafael Soares de Oliveira

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramalho

Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Secretária de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão
Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,00

Assinatura anual
R\$ 10,00

Assinatura de apoio
R\$ 15,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não
refletem necessariamente
a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Reportagens, análises, estudos bíblicos, entrevistas e muito mais para você ficar por dentro do contexto. Uma publicação conjunta de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP).

Assinatura anual: R\$ 10,00
Assinatura de apoio: R\$ 15,00
Exterior: US\$ 15,00
Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral - Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

CARTAS

Escreva para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço - Rua Santo Amaro 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ

Prezados senhores,
Acuso recebimento de exemplar desse Jornal. Na oportunidade, agradeço a gentileza da remessa e parabenizo toda a equipe pelo brilhante trabalho realizado.

Atenciosamente,

Geraldo Nascimento
Deputado estadual PT/MG
Belo Horizonte/MG

À redação do CONTEXTO PASTORAL,
Quero agradecer a remessa gratuita (que venho recebendo há anos) de CONTEXTO PASTORAL. Admiro a persistência e a teimosia de tentarem manter, em tempos tão difíceis, a distribuição gratuita do periódico! Como era de se esperar, e é mais do que justo, é que os interessados passem a contribuir para que o mesmo continue a circular. É o que desejo fazer, pois aprecio muito CONTEXTO PASTORAL. (...)

Fraternalmente,

Jandira Trevizan
Montenegro/RS

As mulheres gritavam que não queriam morrer, as crianças choravam. À noite os barracos surgiram queimados. Corpos dos sem-terra estavam no chão. O colega estava do meu lado, de joelhos, aí tomou um tiro dentro da boca. Pistoleiros e PM caçam os sem-terra foragidos na mata. Dezenas de posseiros com os braços presos, com a cabeça baixa, cercados por policiais encapuzados. Trezentos e cinquenta presos, inclusive mulheres e crianças, vão ser processados segundo a polícia por resistência e "homicídio". Não houve massacre, foi só uma tragédia. Vai ter mais. Tudo isso segundo a Folha de São Paulo. E o que os meios de comunicação não publicaram?

Meu Deus, que dor! Até quando tanta dor para o nosso povo espoliado, já nasce sem direitos à vida, à educação, ao trabalho. Escravizado, sem terra, moradia e saúde, sem espaço na cidade, enxotado sempre. (...) Em nome das CEBs e do Grupo de Apoio aos Sem-Terra quero dizer que estamos juntos. Que não temos palavras suficientes para exprimir nossa revolta e nojo em relação ao governador de Rondônia e demais autoridades que tentam justificar mais esse massacre. Nós da cidade e do campo queremos reforma agrária já. Queremos justiça.

Ivanilde T. Jardim
CEB Dom Oscar Romero
São Paulo/SP

De quem é a decadência?

Alexandre Brasil Fonseca

Estamos presenciando um drama. Entre os personagens principais temos: a Rede Globo, um império de informação com forte influência na sociedade e que dispensa apresentações; a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a qual vivenciou um crescimento vertiginoso na última década. Sua ação é diversificada, com atenção especial para os meios de comunicação. É proprietária de uma das cinco maiores redes de televisão, e — segundo o próprio Roberto Marinho — nos próximos dez anos deve ser a rede com maior munção para ameaçar a hegemonia da Globo. Um terceiro personagem que compõe este núcleo dramático é a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), criada no início da década de 1990 com o objetivo de representar o “povo evangélico”.

Preâmbulo

Ainda no primeiro semestre deste ano chegou às livrarias o romance de Dias Gomes que daria origem à minissérie “Decadência”. Um evangélico seria, pela primeira vez, personagem central em uma produção televisiva. A obra seria uma tentativa de retratar a recente história brasileira a partir de personagens fictícios que teriam vivido os acontecimentos dos últimos dez anos. Uma rica família que se corrói e um menino de rua que enriquece graças à “exploração da fé”.

Nas reportagens sobre a minissérie foi ressaltado o caráter “pedagógico” que ela teria para o público, “alertando” as pessoas de que, “como em toda a profissão”, há bons e maus pastores. Nenhum evangélico deveria sentir-se ofendido, pois sendo uma obra de ficção (ambientada historicamente) não atacava ninguém especificamente. Várias vezes, em vários jornais, tanto o ator Edson Celulari como o autor Dias Gomes repetiam estes pontos *ad nauseam*, como também afirmavam em uníssono não haver nenhuma inspiração com a atuação do bispo Edir Macedo.

Paralelamente a essa “campanha de esclarecimento” o programa Fantástico de 30 de julho apresentou uma reportagem sobre a “exploração da fé”, em que, por meio de uma câmera oculta, foram transmitidas cenas de cultos da IURD nos quais, pastores faziam apelos por dízimos e ofertas. Cenas editadas que levam o telespectador a associar tais práticas como, no mínimo, uma ação escusa por parte da igreja. Mera coincidência? Para completar a reportagem, temos a fala de um “bom

pastor evangélico” condenando o que foi transmitido. A própria Rede Globo que vinha dizendo existirem “bons e maus evangélicos”, “sugere” que o evangélico de fala sensata representa o lado bom e o que foi apresentado nas imagens grotescas da câmera escondida, o lado mau.

Desenvolvimento

Terreno preparado, é iniciada a minissérie. Na abertura somos brindados com uma “interessante aparição”. Edson Celulari afirma que a produção “não pretende fazer crítica a nenhuma religião em particular, ou mesmo a qualquer um de seus representantes”.

Contudo a IURD parece não concordar. Embalados desde a matéria apresentada no Fantástico, pastores, bispos e fiéis da igreja, apoiados por inimigos históricos da Rede Globo se revezam em programas da Rede Record, numa série de críticas e acusações. Também ocorrem ataques à Igreja Católica e ao rev. Caio Fábio que há muito já se tornou um anti-Macedo na imprensa, e que na IURD é acusado de sofrer da “Síndrome de Balaão” — uma adaptação à história bíblica de Balaão, “escolhido para amaldiçoar o povo de Deus” — e de ser o “Pastor da Globo”.

Com a minissérie no ar vários periódicos dedicaram amplos espaços a essa “guerra santa”. A tônica das afirmações de jornalistas e personalidades apontavam que a IURD teria vestido a carapuça, já que se tratava de uma obra de ficção.

Ao acompanharmos os fatos, afirmar o “vestir a carapuça” por parte da IURD não procede. As semelhanças são tantas entre *dom Mariel* e o bispo Edir Macedo que é impossível se acreditar na afirmação de que tudo não passa de “mera coincidência”: temos reproduções de frases de Macedo, em entrevista a *Veja* em 1990, por parte de Mariel; o nome das auxiliares — “tarefeiras” na televisão e “obreiras” na IURD —, e a própria evidência tida por Macedo na mesma época daquela experimentada por Mariel, até mesmo com sua prisão em 1992, tal como o personagem. No livro, as semelhanças são maiores graças à descrição detalhada dos pastores e do templo da “Igreja da Divina Chama” que são extremamente semelhantes à de uma Igreja Universal.

Mais do que vestir a carapuça a IURD não teve dúvidas em responder de forma direta aos ataques que sofreu “indiretamente”. Por mais que as pessoas discordem da IURD, quem neste

país não concorda com a importância de uma instituição que “demonize” a Rede Globo, como aponta o sociólogo Paul Freston? Para a antropóloga Regina Novaes todo o barulho provocado pela IURD tem “repercussões mais eficazes” graças à Rede Record, a qual serve para avaliarmos o poder que representa uma rede nacional de televisão em relação à solitária voz de Leonel Brizola, por exemplo.

Clímax

Toda essa situação chegou a uma extrema complexidade com a publicação de entrevista do rev. Caio Fábio, presidente da AEVB. Em matéria no jornal *O Globo* (20/09) é questionada a identidade evangélica da IURD, sendo a igreja apontada como “um tumor que pode levar as pessoas a acharem que há um caso de infecção generalizada nas igrejas evangélicas”.

Após estas afirmações, foi convocada uma entrevista coletiva (22/09), durante a qual foi lido um “pronunciamento da AEVB acerca da Igreja Universal do Reino de Deus”. Em tom mais ameno do que aquele da entrevista dada ao jornal, a AEVB mostrou pela primeira vez para a imprensa sua “cara institucional”. Toda a diretoria participou do pronunciamento, o que só vem caracterizar ainda mais a seriedade do momento. Desde o início da AEVB, uma das principais críticas que a instituição vem recebendo no meio evangélico é a centralidade da figura de Caio Fábio, dublê de presidente, porta-voz e secretário executivo.

No dia 26/9 a IURD reagiu promovendo um debate na Rede Record com a participação de diferentes segmentos evangélicos, quando foi lido o “manifesto ao povo evangélico do Brasil”. Nele temos o resultado do personalismo presente na AEVB: em nenhum momento do documento a associação é citada, apenas a figura de Caio Fábio.

Vivemos uma situação delicada, movida principalmente pela luta de poder na sociedade brasileira. Um cenário de conflito que é viabilizado por meio da mídia, e que toma proporções tais que atingem grande parcela da população. Revistas semanais, jornais populares, programas de televisão transmitidos em rede nacional; informações acessíveis a qualquer cidadão. Os evangélicos vieram para ficar, demonstrando toda a sua heterogeneidade.

Pensar nas consequências desses acontecimentos torna-se um interessante exercício.

Desfecho

Para o cientista político Robinson Cavalcanti, membro da coordenação do Movimento Evangélico Progressista, para o Brasil “seria pior se a Rede Record fosse hegemônica, pois a Globo foi conivente com a ditadura do passado e a Record seria com a teocracia do futuro”. Robinson salienta a importância do pronunciamento da AEVB, demarcando as diferenças entre a IURD e outras igrejas evangélicas.

Para Leonildo Campos, doutorando em Ciências da Religião, estamos presenciando uma briga para “marcar espaços no mercado produtor de bens simbólicos”. Para ele os ataques a Caio Fábio funcionam como um contraponto para a IURD conseguir uma conjugação de forças entre os evangélicos.

Para o historiador Ziel Machado, secretário-geral da Aliança Bíblica Universitária, esta briga é por hegemonia, e a comunidade evangélica — uma força social emergente — está sendo usada para legitimar discursos. Para Ziel o efeito desta briga para a democracia é muito positivo, pois exporá realidades tanto da IURD como da Rede Globo. No entanto, o efeito interno para a comunidade evangélica é de enfraquecimento quando pessoas se expõem nessa disputa como se estivessem lutando pelas bases de fé.

Para Ziel Machado, essa situação lembra os conflitos entre índios no Brasil. De um lado os espanhóis se aliam a grupos indígenas, de outro os portugueses também; ao declararem guerra entre si portugueses e espanhóis armam “seus” índios e estes se destroem. Após os conflitos, “espanhóis e portugueses voltam para a Europa e os índios vão para a cova!”.

Certamente estamos diante de uma situação decadente, que vai muito além do império da Globo, da IURD ou da estrutura ética da AEVB. Os mais envolvidos por estes acontecimentos certamente não assistiram à minissérie (transmitida às 23 horas): uma multidão de pessoas que continua aderindo às propostas que sirvam para minimizar as dificuldades vividas.

Por enquanto, resta-nos o conforto de pensar com Rubem Alves de que Deus se encontra à parte desta “guerra santa”, já que anda “cansado das doideces dos adultos”.

Alexandre Brasil Fonseca é sociólogo e integra a equipe de KOINONIA.

CONIC se instala em Brasília

Uma celebração ecumênica, que será realizada no dia 1º de novembro na Paróquia da Ressurreição (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil) em Brasília, dará início a uma nova etapa na vida do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). A decisão de se transferir para a capital federal foi tomada durante a última assembléia geral.

Para o secretário executivo do Conic, o pastor Ervino Schmidt, a mudança vai possibilitar uma aproximação mais efetiva das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil "uma contribuição maior ao fortalecimento do ecumenismo nessas áreas". "Por outro lado", acrescenta, "estarmos mais próximos do centro de decisões políticas do País pode significar uma chance maior de reivindicar políticas governamentais que favoreçam os excluídos".

Romaria do Trabalhador pede justiça social

Um grande grito contra a exclusão social foi dado no dia 7 de setembro em Aparecida, São Paulo, durante a 8ª Romaria do Trabalhador, organizada pela Pastoral Operária e Serviço Pastoral dos Migrantes da Igreja Católica.

Cerca de 80 mil pessoas que participaram da romaria ouviram de dom Angélico Bernardino, que celebrou a missa, duras críticas ao neoliberalismo e à política agrária. "O sistema neoliberal é frio. Contempla as

ESPAÇO DO LIVRO

Fé e ação

Neste ano lembramos os cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. As atrocidades do Terceiro Reich resultaram no surgimento da "resistência". Mártires e profetas nasceram dentro desse movimento. Um exemplo é o pastor e teólogo protestante, Dietrich Bonhoeffer.

Ele acreditava na vitória da liberdade e da justiça e compreendia que era seu dever denunciar as iniquidades do seu tempo. "Não somos Cristo, mas se quisermos ser cristãos, tal importaria que participássemos da amplitude do coração de Cristo em ação responsável... Mera expectativa passiva e assistência indiferente não são atitudes cristãs. O cristão

desperta com o sofrimento dos irmãos e isto o impele à ação e à compaixão".

No dia 9 de abril de 1945, Bonhoeffer foi executado num campo de concentração, acusado e condenado por traição. No seu túmulo lê-se "... morreu em resistência contra a injustiça e a violência".

Ler Bonhoeffer é entrar em contato com uma experiência profunda de fé pessoal, de liberdade responsável, de triunfante maturidade humana.

Dica de leitura:

Ética

Dietrich Bonhoeffer
1991, Editora Sinodal, 207 páginas

riquezas deste país para poucos. O que se vê é a concentração de riqueza nas mãos de quem vive da lógica da espoliação e exploração da classe trabalhadora". Ele fez referência também ao massacre de sem-terra em Corumbiara (RO), "homens, mulheres e crianças esmagados porque gritavam por terra para trabalhar".

Após a missa os participantes promoveram um painel, e o lema "A vida em primeiro lugar" se misturou a inúmeras outras manifestações e palavras de ordem. Segundo dom Demétrio Valentini, bispo da diocese paulista de Jales, o Grito dos Excluídos não foi um protesto contra o governo, mas não deixou de comentar que a política neoliberal do go-

verno de Fernando Henrique Cardoso está deixando seu rastro:

— Um governo precisa ter maior sensibilidade para perceber as dificuldades do povo, não pode se restringir ao combate à inflação — assinalou. (O São Paulo, 13/9/95)

KOINONIA vai reunir igrejas para debater sobre Aids

Discutir, a partir de diferentes pontos de vista, os principais conteúdos socioculturais, religiosos e referentes à saúde relacionados à Aids e o cuidado pastoral específico e as implicações sociais que surgem em função do preconceito provocado pela doença. Estes são os principais objetivos da Consulta sobre Aids e Igrejas, que será realizada nos dias 10 e 11 de novembro em São Paulo sob a promoção de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Além da participação dos Conselhos Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e Latino-Americano de Igrejas (Clai), nove igrejas já confirmaram presença oficial: Comunidade de Jesus; Assembléia de Deus Betesda; Católica Apostólica Romana; Episcopal Anglicana do Brasil; Evangélica de Confissão Luterana; Metodista do Brasil; Metodista Livre; Presbiteriana Unida do Brasil; e Presbiteriana do Brasil.

Críticas a Edir Macedo dividem evangélicos

O documento divulgado pelo presidente da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), pastor Caio Fábio D'Araújo Filho, com críticas à Igreja Universal do Reino de Deus, comandada pelo bispo Edir Macedo, dividiu os evangélicos. Segundo o próprio pastor afirmou, "alguns evangélicos não concordam com as críticas porque têm medo de que a Rede Globo esteja tentando me usar como veículo, mas a maioria concorda e aplaude a medida".

No documento, o pastor Caio Fábio denuncia o bispo Edir Macedo de estar "pregando a guerra religiosa", entre outras coisas. O documento foi contestado pelo seguidor de Edir Macedo, deputado federal Wagner Salustiano (PPB/SP), há cinco anos obreiro em uma igreja de São Paulo. Para Salustiano, o crescimento da Igreja Universal está incomodando os outros evangélicos. "Ninguém chuta cachorro morto", disse. "Ninguém mexe com o pastor Caio Fábio porque ele é uma figura inexpressiva, enquanto o bispo é um homem de Deus e tem a vida dedicada ao Senhor".

No documento o pastor Caio Fábio critica principalmente a validação do "dinheiro como tudo" pela Igreja Universal. "É preciso deixar bem claro que na Igreja Universal o Evangelho é segundo Edir Macedo", afirma o pastor. (OESP, 22/9/95)

"O ecumenismo na virada do milênio"

Sob o tema "O ecumenismo na virada do milênio" será realizado no Rio de Janeiro, no dia 14 de novembro, a partir das 19 horas, um seminário, sob a promoção de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Instituto Metodista Bennett. O objetivo é discutir temas relacionados aos desafios do movimento ecumênico que se apresentam neste fim de século e no próximo milênio. Já estão confirmadas as presenças de José Bittencourt Filho, pastor e teólogo presbiteriano e integrante de KOINONIA, e de Ivoni Reimer, pastora e teó-

loga luterana e professora das Faculdades Bennett.

Na oportunidade, será lançado o livro "O sonho ecumênico: prefácio ao Novo Milênio", resultado das discussões e debates da 1ª Jornada Ecumênica, realizada ano passado em Mendes/RJ.

O seminário, que tem entrada franca e está aberto ao público, será realizado no Instituto Metodista Bennett (Rua Marquês de Abrantes, 55, Flamengo). Maiores informações: KOINONIA — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, tel.: (021) 224-6713 e fax: (021) 221-3016.

1ª Jornada Ecumênica vira livro

Considerada um dos principais eventos relacionados ao ecumenismo dos últimos dez anos, a 1ª Jornada Ecumênica virou livro. Além dos textos preparatórios ao evento, "O sonho ecumênico: prefácio ao Novo Milênio" apresenta, entre outras abordagens, uma radiografia do movimento ecumênico no Brasil e diversos desafios pastorais, teológicos e missiológicos com os quais as igrejas estão se defrontando (e vão se defrontar) nesta virada de milênio.

Entre os temas abordados durante o evento, incluem-se: Novos Movimentos Religiosos; Teologia Negra; Mulher e Teologia; Teologia e Economia; Liturgia e Simbólica; Bíblia; Cidadania e Dignidade; Teologia e Política; e Espiritualidade e Formação.

O lançamento do livro será feito em diversas partes do País. Já estão confirmados eventos em Brasília (1º de novembro) e no Rio de Janeiro (14 de novembro). Outras cidades, como São Leopoldo (RS), São Paulo e Salvador, terão suas datas confirmadas. Outras informações: KOINONIA — tel.: (021) 224-6713 e fax: (021) 221-3016.



Como outros grupos, participantes exigem reforma agrária

De olho na TV

O PODER E A INFLUÊNCIA DE UM MEIO DE COMUNICAÇÃO SEDUTOR

Magali do Nascimento Cunha

Comunicar: tornar comum; partilhar/socializar idéias, pensamentos, sentimentos; sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, seja ele ou ela pessoa ou qualquer outro integrante da natureza que habita este planeta.

O mito da criação registrado nos escritos judaicos incluídos na Bíblia, que alimenta a fé em milhares de cristãos, ensina que Deus não criou os seres para viverem sós — daí a comunicação ser uma necessidade básica. Esta comunicação teria como objetivo a comunhão plena de todos os seres, da terra habitada, da *oikoumene*, ou seja, a grande vontade de Deus: que todos vivam em harmonia.

Nessa busca de comunicação/comunhão, o ser humano, aquele dotado de inteligência, de racionalidade, não se conformou com os seus dons naturais de comunicação, como a fala e o gesto. Desenvolveu os sinais impressos e a escrita. E mais: na busca de romper todas as barreiras para a comunicação plena, o ser humano desenvolveu meios que veiculassem — o mais longe possível, para o maior número possível de pessoas, no mais curto espaço de tempo — as suas idéias, pensamentos, sentimentos.

Um meio controverso

A evolução dos meios de comunicação social, passando pela imprensa, a radiotransmissão, a telefonia, a televisão, chegando à cibernética/informática, sempre despertou a atenção pelo impacto nas realidades sociais e culturais dos povos. O grande pensador da comunicação, Marshall McLuhan, já havia apontado, nos anos de 1960, a importância dos meios de comunicação como extensão do ser, anunciando que eles transformariam o mundo numa aldeia global.

Trinta anos depois, muitas das teorias/anúncios de McLuhan podem ser confirmadas ou questionadas. O fato é que é inegável o poder dos meios de comunicação na aproximação de povos e culturas, no intercâmbio de idéias e informações. Dentre eles, encontra-se aquele que tornou-se um dos meios mais populares e o mais poderoso: a televisão. Pode ser o mais amado, idolatrado ou o mais odiado e criticado. Há quem veja a televisão como uma síntese dos males da nossa sociedade, com influência direta na vida do público em

geral, como há quem louve sua tarefa educacional, socializadora, informativa, promotora de cultura e fornecedora de lazer.

Um país televisivo

As primeiras imagens da televisão brasileira foram transmitidas em São Paulo no dia 18 de setembro de 1950, pela TV Tupi. Naquela época o Brasil contava com uma população de 51.944.400 habitantes, dos quais 63,8% rural e somente 36,2% urbana. Os aparelhos de televisão, em 1955, não chegavam a 15 mil domicílios. Com o impulso à industrialização nos anos de 1960, o crescimento da população urbana e consequentemente do perfil urbano de consumo, a televisão passa a assumir caráter comercial e a disputar verbas publicitárias. Em 1960, o número de televisores aumentou para 598 mil aparelhos. De lá para cá, o Brasil passou por inúmeras crises sociais e econômicas, mas a TV só fez por aumentar o seu poder e presença na sociedade brasileira.

Em 1970 o Brasil já possuía mais de 4 milhões de domicílios com TV; em 1980 esse número chegou a 15 milhões; e nos anos de 1990 já ultrapassa 20 milhões de domicílios com uma média de 80 milhões de espectadores, acumulando 60% de todos os investimentos publicitários.

Hoje, a média de permanência do público diante do vídeo é de três horas e ocupa o tempo de lazer da maior parte

da população, aquela que não dispõe de recursos para uma vida cultural intensa. Esse público compõe-se em grande parte de pessoas que não alcançaram um nível de escolaridade ou de articulação política que lhes permitam desenvolver uma visão mais crítica em relação àquilo que lhes é diariamente veiculado. Assim sendo, uma grande parte da população, senão a maior, "tem uma imagem da TV como um veículo isento, objetivo, que não deturpa a realidade, e atribui unicamente a agentes externos, como o Estado, as limitações e interferências que sofre a televisão" (José Manuel Morán Costas).

Um país vulnerável

O mito da objetividade e da isenção cai por terra quando se tem acesso às informações sobre quem detém as concessões de TV no Brasil. Atualmente existem 88 concessões de canais que estão nas mãos de apenas dez famílias/grupos.

Acima de tudo, a TV deve toda a sua razão de ser e seus compromissos a dois eixos de poder: ao Estado, pois é quem concede os canais para transmissão; e ao poder econômico, pois é quem fornece os investimentos que tornam possíveis as programações. Não há objetividade que resista ao comprometimento com esses dois eixos, que hoje precisam fazer valer a todo custo as políticas neoliberais apresentadas como solução para a nossa sociedade, e que obviamente, vêm nos meios de comunica-

ção, em especial na televisão, os seus porta-vozes. Os exemplos disso vão do jornalismo às novelas, como no caso do noticiário sobre o Plano Real ou na exclusão definitiva de personagens pobres nas telenovelas. Cada vez mais sedutor, o apelo ao consumo é marca registrada da ênfase televisiva e encontra, especialmente nas crianças, um alvo bastante vulnerável.

O poder de influência da televisão sobre a população tem levantado questionamentos éticos com as mais variadas ênfases. Uma questão sempre presente é a da TV como cabo eleitoral. Como base, há o clássico exemplo da edição do debate promovido pela Rede Globo em 1989 entre Lula e Collor na disputa da Presidência do País, veiculada no Jornal Nacional, apresentando Collor como vencedor.

O impacto da escalada do erotismo na TV, com influência marcante sobre as crianças e adolescentes, é tema de preocupações, como foi abordado em matéria de capa da revista *Veja*, de julho passado.

A ausência de programações regionais ou o pouco espaço para as emissões locais nas grandes redes tem gerado questionamentos quanto à massificação e ao aniquilamento das culturas locais. Vale destacar o espaço conquistado na TV por grupos religiosos cada vez mais distintos e cada vez mais poderosos, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, proprietária da Rede Record.

Com o advento de novas tecnologias, o poder da TV tende a crescer. Hoje no Brasil, já se tem o acesso a canais por assinatura — satélite ou cabo —, o que tem suscitado certo deslumbramento. Muita disputa comercial e política já existe em torno destas novas formas de transmissão. Tramitam no Congresso Nacional projetos que procuram colocar em pauta refletir sobre a como democratizar os meios de comunicação, em especial da TV. A complexidade da questão pode levar a este comentário: a comunicação é uma necessidade e um direito, para isso todos os canais devem ser abertos para que a TV e os demais meios de comunicação possam ser veículos de cidadania.

Magali do Nascimento Cunha é jornalista metodista e coordenadora da Unidade de Comunicação de KOINONIA.

A MÍDIA E A ELEIÇÃO DE FHC

Não resta a menor dúvida de que a mídia pode eleger candidatos. Basta retomar todas as análises sobre a candidatura Collor em 1989. Em 1994 não foi diferente. Embalados pelos sonhos gerados pelo Plano Real, telespectadores, ouvintes e leitores foram convidados a votar em Fernando Henrique Cardoso em nome da boa nova vida. Os versos do *jingle* da campanha de FHC são uma bela ilustração deste fato: "Deu no jornal que a vida está melhorando. É Real". Aí está a peculiaridade dessa campanha: criticar o candidato Fernando Henrique era ser contra o Brasil, era ser contra uma vida que se mostrava melhor para a população brasileira, em especial a mais empobrecida, que agora tinha poder de compra.

Mesmo antes do Plano Real ser implementado, este quadro já era traçado. Em pesquisa feita pelo professor Afonso de Albuquerque, da Universidade Federal Fluminense, durante onze semanas de março a maio de 1994, o Jornal Nacional da TV Globo dedicou 37% do tempo de cobertura das candidaturas a FHC contra 23% dedicados a Lula e 36% divididos entre todos os outros seis candidatos. Isso sem levar em conta os conteúdos, pois o tempo dedicado a Lula tratava em especial das polêmicas e dissensões do PT e da CUT enquanto que em relação a FHC apresentava-se o clima de união e consenso das alianças que se formavam em seu apoio e o envolvimento do candidato na gestão do Real. (MNC)

Mosaico religioso e mídia

José Bittencourt Filho

Se é possível falar de crise hoje em dia, esta é, antes de mais nada, a crise das referências (éticas, estéticas), a incapacidade de avaliar os acontecimentos em um meio em que as aparências estão contra nós. O desequilíbrio crescente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação, tende a privilegiar indiscriminadamente toda informação mediatizada em detrimento da informação dos sentidos, fazendo com que o efeito do real pareça suplantar a realidade imediata.
(Paul Virilio)

Notas metodológicas

Quase todas as agremiações eclesiais brasileiras decidiram investir pesadamente em estruturas de comunicação. Tais investimentos vão desde programas radiofônicos de âmbito regional até a aquisição e manutenção de redes nacionais de TV, passando pelas FMs e canais por assinatura.

O mais dinâmico e fascinante fenômeno do campo religioso brasileiro na atualidade é o crescimento numérico e patrimonial das denominações evangélicas de constituição recente, sobretudo pentecostais. Sabe-se que grande parte dessa expansão se deve ao uso dos meios de comunicação, em particular a televisão.

Assim sendo, decidimos olhar mais de perto essa vasta programação que ocupa, segundo fontes credenciadas, um total aproximado de **40 horas semanais** da programação televisiva. Deixamos de lado a programação religiosa radiofônica, que se constitui em outra vastidão comunicacional digna de uma abordagem exclusiva.

Nossa intenção foi perceber e sublinhar aspectos estratégicos que comportariam desdobramentos pastorais significativos. Não pretendemos emitir pareceres estritamente técnicos, até porque isso estaria para além do nosso alcance. Por sinal, encontram-se em circulação vários trabalhos de estudiosos da comunicação sobre o assunto, nos quais os aspectos técnicos são tratados com a suficiência devida.

Assim sendo, os dados e indicadores aqui apresentados o serão, mais que nada, a título ilustrativo, ou seja, para corroborar teses e impressões, bem como conduzir o leitor ao longo do texto, ao modo de uma referência permanente.

Nossa metodologia de observação foi simples. Do conjunto da programação veiculada no Rio de Janeiro, sele-

cionamos uma amostragem¹ segundo um critério de abrangência, isto é, escolhendo pelo menos um programa das diferentes modalidades apresentadas. Este critério comporta uma limitação óbvia: não contempla o aspecto da frequência. Em outras palavras, conferimos aos programas semanais a mesma atenção que aos diários.

A observação deu-se, em primeira instância, por meio de um formulário² que destacava as constantes dos programas. Observe-se que, tanto as semelhanças detectadas e registradas, quanto as eventuais dessemelhanças não registradas, ficaram por conta de uma análise de conteúdos, aliás, o que de fato nos importava para os propósitos do presente artigo.

Como se sabe, existe apenas uma rede de propriedade evangélica, a Rede Record (canal 13 no RJ). Nela além da programação religiosa propriamente dita, existe o programa *25ª Hora*, apresentado por pastores e que pretende propagar as opiniões da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) acerca dos assuntos momentosos da vida brasileira. Porém, trata-se de um programa de entrevistas e debates, no padrão dos programas seculares congêneres. Por isso, o eliminamos de nossa relação; muito embora consideremos que de per si mereça uma análise cuidadosa.

Algumas reflexões

Numa cultura como a nossa, há muito acostuada a dividir e estilizar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. (Marshall McLuhan)

Evangélicos de todos os matizes e também os romano-católicos como se fossem concorrentes num grande mercado, disputam fatias do campo religioso, considerando a todos — adeptos ou não — como ouvintes e telespectadores. Pode-se arriscar uma conclusão: pouco a pouco, o Cristianismo convencional vai convergindo seus esforços evangelísticos nos Meios de Comunicação Social (MCS).

Um primeiro olhar panorâmico já nos mostra algumas idiosincrasias dignas de nota. A baixa qualidade técnica da maioria dos programas evidencia que ainda persiste no imaginário eclesial uma noção, no mínimo ingênua, qual seja, aquela que considera neutros os MCS.

Esta concepção incorpora duas ten-

dências, nem sempre simultâneas. A primeira é aquela que entende que basta transpor para imagens aquilo que normalmente se realiza no ambiente das igrejas tal como pregações, estudos e números musicais. No caso da televisão, caso não haja uma adaptação para a linguagem própria do meio, a começar pelos aspectos cenográficos, o programa pode tornar-se maçante e esteticamente pobre.

A segunda tem implicações pastorais. Ao pressupor a neutralidade do meio, situa-se a mensagem religiosa, dentre as muitas mensagens explícitas ou subliminares que a TV veicula, produzindo uma pasteurização que pode transformar os conteúdos da fé em mercadorias para consumo simbólico.

Sob outro prisma pode-se ressaltar que a programação televisiva traduz, em grande parte, o processo de adaptação das igrejas e dos movimentos religiosos à economia de mercado. Neste contexto, para não porem em risco o patrimônio acumulado, as igrejas e movimentos podem sacrificar valores e princípios fundamentais. Por sinal, este é o grande desafio que o Cristianismo enfrenta nesta virada de milênio: como manter incólume a tradição bíblica num quadro de globalização econômica que exige fidelidade absoluta, portanto, religiosa?

Nesse quadro, vale a pena observar até que ponto o discurso religioso televisivo concorre para transferir às pessoas a culpa e a responsabilidade pela condição desfavorecida e subalterna em que se encontram. Não estaria embutida nas ênfases de cura, exorcismo e prosperidade uma inversão do processo de dominação tal qual ele se dá?

No âmbito evangélico brasileiro, sobretudo nos centros urbanos de médio e grande portes, está sendo gestada uma nova composição eclesial a qual iremos apelidar de "Neodenominacionalismo". Não temos mais apenas as igrejas tradicionais de um lado, e as pentecostais de outro. Além das muitas denominações do Pentecostalismo Autônomo, existem os movimentos carismáticos e evangélicos semi-institucionalizados, que aparecem e desaparecem do cenário religioso. O panorama vai ficando mais complexo e os que antes eram, aparentemente, apenas afluentes dos rios principais vão adquirindo volume e contornos próprios. O perfil da programação televisiva que acompanhamos corrobora esse postulado.

Ainda no terreno das preliminares, é oportuno tecer alguns comentários a

respeito do tratamento dispensado pela imprensa à expansão evangélica em geral, e aos pentecostalismos em particular. Basta uma leitura superficial das matérias publicadas ou veiculadas pela televisão para se perceber o despreparo dos profissionais no trato da questão, porquanto cometem equívocos elementares e apresentam imprecisões surpreendentes. Tal deficiência decorre, entre outras causas, do descaso contumaz das redações e das universidades para com os assuntos religiosos e, desse modo, o despreparo dos profissionais nesse campo é consequência da agenda de treinamento teórico e prático que recebem, na qual as questões religiosas estão ausentes.

A situação se agrava ainda mais quando se percebe a carga de preconceito e de valoração negativa presentes nos textos e matérias que se pretendem científicos. Boa parte dos intelectuais acadêmicos — com raras exceções que só confirmam a regra — tratam dos pentecostalismos como se fossem *a priori* uma ameaça, traduzindo com isso o alinhamento deles com os interesses dominantes que, desde sempre, execraram e mesmo perseguiram as manifestações, expressões e formas de organização religiosa com maior prestígio entre as camadas subalternas e/ou segmentos minoritários da sociedade.

Geralmente, as acusações, insinuações e imputações para as quais dão um destaque abertamente alarmista, aplicam-se em maior ou menor intensidade a quase todas as organizações religiosas que conhecemos no Brasil. Portanto, ao procederem dessa maneira, nada mais fazem do que reforçar os poucos e poderosos interesses para os quais a expansão dos pentecostalismos representa, de fato, alguma ameaça.

O sintoma mais notório desse alinhamento é o fato de que um dos aspectos mais importantes não tem sido satisfatoriamente contemplado, qual seja, o embate empresarial, patrimonial e político do qual, hoje, os pentecostalismos são parte integrante, juntamente com outros entes sociológicos sobejamente conhecidos. A título de ilustração ressaltamos o conflito aberto que se está configurando entre as Organizações Globo e a Rede Record, esta última de propriedade da IURD. Este confronto, a despeito da roupagem axiológica com que se apresenta, deixa entrever claramente todos os ingredientes de uma batalha entre concorrentes em disputa pelo mercado.

A AUDIÊNCIA DOS PROGRAMAS RELIGIOSOS NA TV

Universo pesquisado: 3.925.000 domicílios

Horário	Programa	Média Ibope	Aparelhos ligados
GAZETA			
DE SEGUNDA A SEXTA			
5h55	Igreja da Graça em seu Lar	—	6 mil
7h55	A Palavra de Deus	—	16 mil
AOS DOMINGOS			
8h00	Encontro com Cristo	—	17 mil
8h30	Um pouco de Sol	1 ponto	21 mil
8h45	A palavra de Deus com Maria	1 ponto	22 mil
9h10	Fé para Hoje	1 ponto	24 mil
BANDEIRANTES			
DE SEGUNDA A SEXTA			
5h00	Igreja da Graça	—	7 mil
AOS SÁBADOS			
6h15	Palavra da Fé	1 ponto	23 mil
7h15	Palavra Viva	1 ponto	21 mil
7h45	Anunciamos Jesus	1 ponto	28 mil
AOS DOMINGOS			
7h00	Missa Dominical	NA	
7h30	Está Escrito	—	14 mil
GLOBO			
AOS DOMINGOS			
6h05	Santa Missa	2 pontos	88 mil
SBT			
TODOS OS DIAS			
2 min no início da transmissão	Palavra Viva	NA	

Horário	Programa	Média Ibope	Aparelhos ligados
CULTURA			
AOS DOMINGOS			
8h00	Missa de Aparecida	3 pontos	101 mil
MANCHETE			
DE SEGUNDA A SEXTA			
8h30	Escola Bíblica da Fé	—	7 mil
13h00	De Bem com a Vida	—	19 mil
1h15	Clip Gospel	NA	
2h15	Espaço Renascer	—	8 mil
ÀS SEXTAS			
0h30	Reencarnação	1 ponto	23 mil
AOS SÁBADOS			
2h15	Tribo Gospel	NA	
RECORD			
DE SEGUNDA A SEXTA			
6h00	O Despertar da Fé	1 ponto	20 mil
12h00	Oração do meio-dia	2 pontos	72 mil
18h00	Oração das seis	2 pontos	88 mil
1h00	Palavra de Vida	—	16 mil
AOS SÁBADOS			
6h30	Mensagem de Esperança	NA	
7h00	Falando de Vida	NA	
8h00	Santo Culto em seu Lar	1 ponto	22 mil
1h00	Palavra de Vida	—	16 mil
AOS DOMINGOS			
6h30	O Despertar da Fé	1 ponto	20 mil
11h00	A Caminho do Céu	NA	
1h00	Santo Culto em seu Lar	1 ponto	22 mil

NA: Não analisada. Fonte: Ibope

Considerações pastorais

A partir do momento em que as mercadorias começam a "personificar-se", o homem (produtor) tende a sujeitar-se a elas para viver. Nisso se baseia o seguinte impulso religioso do sistema capitalista: a "personificação" das mercadorias que se inter-relacionam leva à criação de "outro mundo" que inter-vém neste, mas cuja essência é produzir na fantasia religiosa as relações sociais que as mercadorias realizam no mundo mercantil. (Franz Hinkelammert)

Já se sabe que o propalado processo de secularização da modernidade não produziu, como acreditavam muitos, o desaparecimento da religião, mas sim, o aparecimento de religiões substitutivas. Novos entes sagrados vestidos em fenômenos seculares que em seu bojo prometiam e conduziam novas mitologias, como por exemplo a do progresso ilimitado.

Tais e quais as religiões totalitárias da Antigüidade, as novas propostas religiosas globalizadoras e substitutivas precisam impor sua respectiva visão de mundo sobre as demais visões e disseminar dogmas capazes de inspirar tanto a submissão de muitos como a admiração de tantos outros. Em outras pala-

bras, somente com a eleição dos inimigos e adversários, reais ou imaginários, que apenas podem ser convertidos ou rejeitados, uma proposta religiosa ou ideológica alcança elevados níveis de adesão.

As grandes ideologias totalizadoras vivem seus eclipses, pelo menos no que diz respeito aos valores que lhes davam suporte. O socialismo real ruiu quando se percebeu que ele era incapaz de prover o bem-estar que prometera e que conduzia apenas a mais e mais privações. No capitalismo, por seu turno, os ideais elevados vinculados ao mercado e à produtividade cederam lugar à competição desenfreada e a desigualdades intransponíveis.

Nesse quadro, o que resta é apenas a necessidade de consumo e de fruição imediata, bem como sua antítese, a insatisfação generalizada de não se poder satisfazer essas pulsões. Os custos humanos desse estado de coisas são bem conhecidos: exclusão, violência, corrupção, apatia, anomia e congêneres. Para muitos, sobremodo aqueles com inclinações massivas, a única saída seria tentar salvar-se do destino sombrio que aguarda os habitantes deste mundo instável.

Nessa concepção que tenta resistir a um mundo perverso e construir um novo destino comum, só resta buscar um sistema religioso absolutista que deixe claro quem são os "irmãos" e quem são os desafetos, concepção apta assim a plasmar uma identidade coletiva desejada e satisfatória. A obtenção dessa identidade oferece a vantagem adicional de canalizar os instintos agressivos e, dessa maneira, maior coesão comunitária. Estão criadas as condições para a instalação das condutas fanáticas, ou seja, os messianismos que se orientam pelo binômio: converter ou destruir (simbólica ou concretamente!).

Vale sublinhar que tal processo se consolida apenas quando certos interesses de poder tornam-se beneficiários dele. Com efeito, a expansão de uma religiosidade absolutista, longe de representar um reavivamento religioso genuíno, significa, isto sim, a subordinação do sagrado a interesses de poder globais ou setoriais.

Evidentemente, a expansão religiosa a que assistimos, cujo sintoma principal é a presença das mensagens religiosas na mídia, não se reduz a um processo de fanatização. No entanto, o que desejamos sublinhar aqui é a ambigüi-

dade dessa expansão no contexto do capitalismo tardio em que vivemos. Ao mesmo tempo que pode significar a necessidade crescente de transcendência, pode fazer parte de um novo *modus operandi* de dominação.

Devemos estar advertidos para o fato de que o aparente pluralismo de alternativas religiosas, considerando-se o mosaico que presenciamos hoje na mídia brasileira, em verdade pode significar apenas o puro e simples amordaçamento dos questionamentos e conflitos subjetivos, estes últimos vistos como instrumentos privilegiados na luta em favor de uma autonomia humanizante, e estimulantes da criatividade histórica nos níveis individual e coletivo.

Uma conclusão

Quando cuidamos de advertir quanto aos preconceitos no trato dos fenômenos do campo religioso nacional, em particular do crescimento dos pentecostalismos e do Neodenominacionismo, o que postulamos não é uma postura vitimária e corporativa, como a de alguns intelectuais evangélicos. Ao contrário, desejamos que as ciências do social bem como as da religião façam o melhor uso possível dos seus respectivos aparatos de conhecimento a fim de preservar o método singular da interpretação teológica latino-americana, que proporcionou e proporciona incontáveis avanços no tocante à compreensão da realidade complexa e opaca em que vivemos.

Nas igrejas cristãs, cabe à Teologia Pastoral a árdua incumbência de discernir e denunciar a presença no campo religioso das inclinações totalitárias e fanatizantes, ou seja, das tentativas de homogeneização de crenças, doutrinas, e de comportamento religioso, e ainda do cerceamento do livre exame das Escrituras. Em suma, das conspirações recorrentes que se engendram contra o Princípio Protestante.

José Bittencourt Filho é pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, mestre em Ciências da Religião e integrante da coordenação de KOINONIA.

Notas

(1) Programas: Sara Nossa Terra; Clip Gospel; Espaço Renascer; Escola Bíblica na TV; Oração das Seis; Anunciamos Jesus; Igreja Cristo Vive; Pare e Pense; Igreja da Graça; Gospel Line; Santo Culto em seu Lar.

(2) 1. Nome do programa e produtor; 2. Emissora de TV; 3. Horário; 4. Formato; 5. Condução do programa; 6. Apresentadores; 7. Blocos do programa; 8. Tipo de publicidade nos intervalos.

TV: anjo ou demônio?!

Antônio Moser

Anjos e demônios sempre povoaram o imaginário humano, mesmo nos períodos de dessacralização e secularização. Só que hoje anjos e demônios se encarnam em pessoas e em atividades humanas. É neste clima que os Meios de Comunicação Social (MCS) de modo geral, e a TV, de modo particular, para uns encarnam o bem; para outros o mal.

Sobretudo para certos grupos de igreja, que reagem contra uma excessiva onda liberalizante na área dos costumes, a TV é uma espécie de monstro que só destila veneno para dentro dos lares e da sociedade. Para outros, embevecidos pelas maravilhas do progresso e da modernidade, a TV é uma espécie de bondosa babá, que rasga horizontes novos para crianças e adultos. Diante disto, não haveria uma posição mais crítica, de quem sabe discernir os valores e contravalores da TV?

Ameaças inegáveis

Não há como negar: desde que o cantor franciscano frei José Mojica inaugurou o primeiro canal de TV no Brasil, em 1950, o fascínio inicial foi dando lugar a reticências sempre maiores. As críticas, mais do que justificadas aos programas que dominam os muitos canais de TV, apontam para uma tríplice direção: conteúdos, modo de focar os problemas, horários.

Os conteúdos que ameaçam o *ethos* mais profundo do nosso povo, indelevelmente marcado pelo Cristianismo, dizem respeito sobretudo ao sexo e à violência.

No que se refere ao sexo, nem é preciso esperar pela "sexta-feira sexy". O mito de um pré-anúncio de um final de semana cheio de emoções nesta área, faz com que vários canais disputem, a audiência, apelando para o sexo mais ou menos explícito. E nem é preciso assistir a todas as novelas, nem a todos os seus capítulos, para se perceber que, movidas pela irresistível força do Ibope, quase todas apresentam praticamente o mesmo colorido. É uma espécie de pan-sexualismo que, ora mais, ora menos intensamente, vai derrubando todos os valores ligados à sexualidade e à família. O liberalismo, a apelação, o troca-troca, aventuras intra e extra-conjugais, pré e pós-matrimoniais, relacionamentos homo ou heterossexuais promíscuos, vão tecendo um panorama sombrio e vão levantando uma séria interrogação sobre o presente e o

futuro do relacionamento humano. Não só jovens, mas também adultos parecem abraçar este novo "credo", com todas as suas forças.

O pior de tudo é que aquelas pessoas que não se enquadram dentro dos parâmetros desta espécie de nova ética do vale tudo, são ridicularizadas. Nem precisam ser clérigos ou religiosos: as pessoas que não assumem a nova onda, quando não trazem batina, são vestidas com os hábitos de beatos e beatas, que sempre provocam risos.

No que se refere à violência, o quadro não é menos preocupante. Noticiário que não recubra ao menos a metade do tempo alimentando a já característica marca da patológica inclinação dos brasileiros para o trágico e o sinistro, parece ser vazio. Sobretudo se não apresentar assaltos espetaculares, nos quais, naturalmente, o bandido passa sempre a ser uma espécie de herói às avessas. Filme onde não predominem cenas de mortes ou de pancadas também parece não ter graça.

Este quadro se agrava ainda mais pelo modo como tudo isto é apresentado. Não há dúvida de que a TV apresenta uma realidade. A pergunta que fica é se esta é toda a realidade e se somente esta é a realidade. Na vida tudo depende muito do ângulo a partir do qual se lê, ou dos óculos que se usam. E muito significativo o termo "heresia": herege não é aquele que ignora completamente a verdade, mas aquele que absolutiza um ângulo da verdade. O mal consiste em exacerbar um ângulo da realidade; em tratar problemas profundos com leviandade e superficialidade.

No que se refere a horários, teoricamente bastaria fazer programas leves durante o dia e às primeiras horas da noite. Mas quem garante que as crianças obedecem a horários, sobretudo nos longos períodos de férias e fins de semana?

Audiat altera pars

Este é um antigo provérbio latino que tanto pode ser traduzido como "ouvir a outra parte", como "perceber também outros ângulos". Este é um critério básico de um posicionamento crítico e

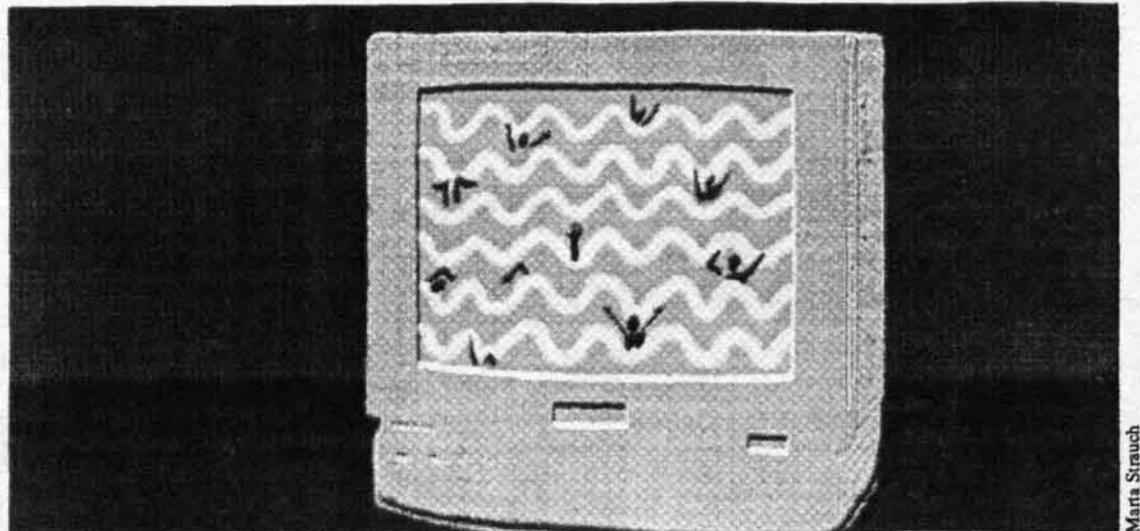
maduro sobre qualquer realidade humana. Afinal, uma das condições humanas e de suas atividades consiste exatamente na ambigüidade. Nada e ninguém é totalmente mau, ou totalmente bom. Sempre há luzes e sombras. Daí a questão ser dupla: como focalizar luzes e sombras, e como fazer com que as sombras recuem o mais possível diante da força penetrante da luz.

Com isto já estamos sugerindo que nem tudo é negativo nos nossos MCS e mormente na TV. Não só existem também bons programas em todos os canais, como existem canais e retransmissoras que fizeram a opção pela Vida, em seu sentido amplo e profundo.

Ademais, é preciso não esquecer que todas as emissoras pesquisam a opinião pública para conhecer-lhe as tendên-

mas conclusões. A primeira é que a TV não se confunde nem com anjos nem com demônios. Estes não se excluem, e normalmente andam juntos. A segunda é que não adianta simplesmente "apagar" a TV, ou fazer como se ela não existisse para nós. Muito mais importante é ajudar o grande público, de todas as idades, a desenvolver seu senso crítico. Isto significa concretamente, encontrar nas famílias, nas comunidades de fé, nas associações e nas entidades, espaço e tempo para analisar os vários aspectos dos vários programas.

Uma terceira conclusão se impõe com mais força: encontramos-nos diante de uma realidade até certo ponto irreversível. Por mais que os pregadores se empenhem por expulsar este misto de anjo e de demônio, ele não desaparece-



Marta Strauch

cias. Concretamente isto significa que, a rigor as emissoras não criam costumes. Certamente não foi a TV, sozinha, que desagregou tantas das nossas famílias. Quem conhece o como se estruturou nossa realidade familiar, sabe muito bem que esta nunca foi muito edificante. E isto desde a chegada dos conquistadores. Talvez a TV mais reforce costumes mais ou menos arraigados, os incrementa, ou então explicita certos anseios mais ou menos latentes. Nenhuma emissora iria insistir numa tônica se não encontrasse eco.

Caminhos possíveis

Não é fácil posicionar-se devidamente diante da TV, quando se têm presentes a multiplicidade de programas e aspectos por ela abordados. Ainda mais que a TV deve "preencher" o maior tempo possível, mesmo com banalidades. Mas, da análise feita, emergem algu-

rá. O que se pode, e se deve, é soltar as asas dos anjos e acorrentar as patas dos demônios. O que se pode e se deve é saber conviver com eles, vendo-os como desafios e não como fatalidades. Muito significativas são as tentações enfrentadas por Jesus. Este não fugiu... até dialogou com os demônios. Mas soube enfrentá-los com algumas armas bem conhecidas (jejum e oração) e com uma surpreendente (Mc 1.12-15): "Anunciar o Reino de Deus". Quando o Reino se implanta, aparecem os anjos e desaparecem os demônios. A TV não é o problema. Problemático é o ser humano. É este que deve ser "trabalhado" em todas as suas dimensões, para que saiba enfrentar o que der e vier.

Antônio Moser. Frade franciscano, doutor, professor e conferencista, é também construtor e animador de oito comunidades de fé.

Eras de ouro e desmoronamento: Igrejas na América Latina e no Caribe

Jorge Atílio Silva Iulianelli

A II Conferência Geral da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe (Cehila) foi um simpósio; as pessoas acolheram-se “fraternamente” e partilharam palavras, foram comida e bebida. Ademais, era um Consílio Ecumênico no qual homens e mulheres das mais diversas partes de nosso continente, e de outros, puderam congregar-se e discutir os últimos cinquenta anos nos quais as igrejas viveram as mudanças das sociedades num mundo em processo de globalização.

O pressuposto metodológico da Cehila sempre admitiu que a história das igrejas não se encontra *intra muros*, mas é a história de homens e mulheres que vivem em um mundo em mutações; não se trata de uma história especial, mas da mesma história. Deste modo, era parte do objetivo da Conferência averiguar as mais recentes transformações pelas quais as sociedades têm passado. Isto significa olhar a história da Igreja que é *anima mundi*.

Antes mesmo do início da Conferência, a reunião da Comissão Executiva de Cehila estava marcada por essa perspectiva. Alguns pequenos fatos são reveladores. Ao terminarem as sessões houve um passeio histórico por São Paulo, iniciou-se com uma visita ao Memorial da América Latina, onde casualmente estava ocorrendo uma exposição de Roger Bastide. Num painel havia a frase de Bastide: “A religião é o último bastião da cultura popular”. Eduardo Hoornaert, Max Salinas e Beozzo comentaram: “Isto é de Cehila...”

É a perspectiva que integra a religião à dinâmica histórica do povo. O passeio seguiu pela cidade de São Paulo, vendo: desde a vinculação de sua fundação ao duplo projeto missionário dos jesuítas e suas vinculações e dissociações com o projeto colonizador; até aos efeitos da urbanização na organização espaço-religiosa da megalópole. No meio do passeio, assistimos à derrota do Brasil pelo Uruguai, em um bar... e havia uruguaios entre nós...

Eras de ouro e desmoronamentos

As várias sessões queriam reafirmar as máximas de Marcuse e Bloch, com a vênua de Dusserl, “a memória é subver-

siva” e “o homem é um projeto-esperança”. Cehila procurou, ao reler a história, demarcar três pontos fundamentais.

O primeiro ponto: estes últimos cinquenta anos da história das igrejas e dos cristãos estão marcados pelo esforço ecumênico. Isto significa duas coisas: Uma, um reconhecimento do protagonismo protestante no que se refere à construção do Ecumenismo. A aventura ecumênica nasce europeia e se confirma nas dimensões do mundo pós-guerra, é inegável o forte impulso que João XXIII e o Concílio Vaticano II ofereceram a essa experiência, e eles são frutos do mundo do pós-guerra; outra, a experiência ecumênica é modificada pelas igrejas do Mundo dos Dois Terços, ela ganha densidade e força.

O segundo ponto fundamental foi a irrupção dos pobres como protagonistas da história das igrejas. A importância desta aparição eclesial se configurou por trás de um clamor: Libertação. Clamor que se fez teologia, teologia que nascia de um novo modo de a Igreja ser. Mas, em um processo lento se verificou a diversidade no mundo dos pobres: crianças, velhos, mulheres, negros, indígenas, o mundo ameríndio. A II Conferência de Cehila esteve atenta à pluralidade deste mundo dos pobres. Procurou ouvir as vozes de suas religiões milenares, os ruídos das barrigas grávidas e dos enfrentamentos com os mundos machistas, as lutas contra todos os tipos de preconceito.

O terceiro ponto ressaltado foi o da reprojeção da Modernidade. Dusserl ressaltou o projeto da Modernidade como projeto da Mundialização iniciado em 1492, com a construção de um mundo sem fronteiras para o mercado, no qual o Outro perde sua face e seu lugar. Tal processo chega agora ao seu colapso. Hobsbawm chama a esse momento da história de *desmoronamento*. Cehila é muito vigorosa. Há pouco tempo algum serviçal do governo estadunidense falava de fim da história, entendendo com isso a vitória do capitalismo sobre toda outra alternativa político-econômica... Nesse contexto Cehila afirma que a história segue seu curso de buscas de alternativas. Alternativas para a crise ecológica, para as crises da explosão demográfica, para a crise ética... Dizia um poeta, muito citado, que se faz caminho ao caminhar. E aí reside a esperança.

Foi uma Conferência magna, quer por sua importância, quer pela quantidade das exposições que foram realizadas: 315 nas quatro seções. É relevante notar que mais da metade das conferências da seção temática versavam sobre apenas cinco temas (52% das exposições da seção temática): em sua maioria pertenciam à subseção “Culturas e religiões populares” (16,5%); depois, respectivamente, em ordem decrescente de quantidade de exposições, “Igrejas protestantes e evangélicas na América Latina e no Caribe” (11,4%), “Igrejas e Estado de Segurança Nacional — relações Igreja-Estado”, da “Ação Católica Operária às Comunidades Eclesiais de Base” e a mesa sobre “Ensino da história da Igreja na América Latina e no Caribe”.

Essa amostragem apresenta um interesse profundo com relação ao tema das relações entre Cristianismo e religiões afro-ameríndias e ameríndias e sobre a situação do Protestantismo na América Latina e no Caribe. Os dois subgrupos correspondem a mais da metade dos cinco mais densos de contribuições. Isso também confirma a tese sobre a importância da dimensão da diversidade no estudo sobre a história das igrejas na América Latina e no Caribe.

As duas seções temáticas com o menor número de contribuições (4,2% levando-se ambas em consideração) são as que versaram sobre as contribuições das conferências episcopais latino-americanas ao Conferência e sobre a participação política dos cristãos durante a vigência dos Estados de Segurança Nacional. Sem dúvida, isto não significa menor importância historiográfica destes temas. Arrisca-se sustentar que, especialmente no segundo caso, deve-se a uma saturação da pesquisa do tema.

De qualquer maneira é impressionante haver 255 contribuições temáticas escritas, sem considerar a exposição artística e a mostra cinematográfica que estavam em cartaz durante toda a Conferência. Eram 14 subseções, com centenas de pesquisadores. Foi uma das conferências mais interdisciplinares, com a participação de historiadores, filósofos, teólogos e os mais diversos cientistas sociais. Foi um esforço reflexivo de produção de conhecimento inspirado pela leitura a partir dos pobres e em busca da libertação.

Libertação e esperança no desmoronamento

É verdade que estamos na “Era do desmoronamento”, ao menos para Hobsbawm. Ele afirma que o mundo vive décadas de crise. “A história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise.(...) A tragédia histórica das Décadas de Crise foi a de que a produção agora dispensava visivelmente seres humanos mais rapidamente do que a economia gerava novos empregos para eles.” Estamos vivendo uma experiência pungente de ampliação de “moinhos de gastar gente” por não permitir-lhes entrar no Mercado de Trabalho.

Neste mundo que passa por processos de transformação muito acelerados é importante construir projetos densos de esperança, mas não irrealistas. Em parte, essa esperança realista, algo mais do que o realismo utópico de Giddens, deve estar assentada na memória. A velha constatação de Walter Benjamin diante do quadro de Paul Klee deve ser retomada em outra perspectiva, se é verdade que atrás do anjo, que tem as asas impelidas para diante por um vento impetuoso, e a face voltada para trás que contempla apenas os desmoronamentos, é também verdade que o futuro é um ponto cego.

Em Cehila há neste momento três projetos muito importantes. O primeiro é de uma história do Terceiro Mundo, escrita na perspectiva dos que foram colonizados e integrados no sistema econômico mundial. Outro é sobre a cooperação entre as igrejas do Primeiro Mundo e a América Latina e Caribe, visando conceber a cooperação internacional mais como solidariedade que como caridade. Há, além desses, um projeto, também ele rico em densidade esperançosa. O projeto de “História do Cristianismo” procura ler o mesmo Cristianismo como continuidade do “Movimento de Jesus”. Essa história antiga e sempre nova, e a que impulsiona mulheres e homens a arriscarem-se na construção de solidariedades em um Mundo em desmoronamento que produz exclusão.

Jorge Atílio Silva Iulianelli é bacharel em Filosofia e integrante de KOINONIA.

Celebração pela queda da Babilônia

UM ESTUDO DE APOCALIPSE 19.1-8

José Adriano Filho

O Apocalipse de João, segundo opinião quase geral, foi escrito no final do governo de Domiciano (cerca de 95 E.C.). Em lugar algum menciona diretamente Roma, mas a disputa com esse império perpassa todo o livro. Essa opinião está presente, em primeiro lugar, no capítulo 13, que apresenta uma caricatura do imperador e do sacerdócio do culto imperial, e, em segundo lugar, nos capítulos 17 e 18, por meio da metáfora da mulher e da cidade. A cidade, Babilônia/Roma, juntamente com os reis, mercadores e navegantes, domina o comércio e oprime com o enriquecimento ilícito.

O livro usa terminologia cültica (templo, sacerdotes, altar, taças de libação, turíbulo, incenso, fumaça, trombetas); fórmulas litúrgicas (Amém e Aleluia); seções hínicas (compostas na forma de antífona) como elementos que indicam um horizonte interpretativo-litúrgico e que demonstram que a liturgia é o contexto primário no qual ele deve ser entendido (4.8-11; 5.8-14; 7.9-12; 11.15-18; 19.1-8).

A mensagem trata basicamente da execução da justiça de Deus na História, realizada através de três séries de julgamentos escatológicos. Esses julgamentos consistem em ciclos de pragas (7 selos, 7 trombetas, 7 taças), sendo que um não é mera repetição do anterior. São ciclos abertos: o sétimo selo é a entrega das sete trombetas aos anjos. Da mesma maneira, a sétima trombeta não contém nenhuma praga, mas abre as sete taças. Mas, se as pragas dos dois primeiros ciclos são parciais, as últimas, do ciclo das taças, não. As sete últimas pragas, sendo uma a uma radicais, completam a destruição iniciada nos dois primeiros ciclos. Com o ciclo de taças, o juízo de Deus atinge o clímax e as forças hostis que se opõem a Deus e que estão por trás do atual conflito das comunidades cristãs são destruídas.

A destruição do principal inimigo, Babilônia, a grande, assinalada nos capítulos 17 e 18, é celebrada na liturgia apresentada em 19.1-8. Como um hino que segue a destruição da grande cidade, consiste numa resposta à exortação de 18.20 e expressa o triunfo que segue o julgamento da grande cidade.

As repetições dos diferentes sujeitos envolvidos e as invocações e respostas na forma de antífona caracterizam esta passagem como um diálogo litúrgico. A sua articulação pode ser entendida de acordo com as vozes dos oradores e as quatro ocorrências do Aleluia

(vv.1,3,4,6). Quatro oradores ou grupos de oradores são nomeados: uma voz como de numerosa multidão (vv.1,3a); o coro combinado dos anciãos e dos seres viventes (v.4); a voz do trono (v.5); e "a voz como de numerosa multidão, como de muitas águas, como de fortes trovões" (vv.6-8). O caráter de antífona torna-se claro quando João afirma que "ouviu o primeiro coro uma segunda vez" (v.3a), no v.4 os anciãos e os seres viventes acrescentam as suas vozes, e a voz do trono dá uma ordem (v.5), cuja resposta se encontra nos vv.6-8. Apocalipse 19.1-8 qualifica-se como diálogo litúrgico não somente porque aquilo que é dito, é de forma doxológica.

"Pois julgou a grande meretriz" (v.2)

O texto é uma celebração onde passado, presente e futuro se encontram. Se Apocalipse 18 fala do julgamento da Babilônia, a grande, ainda por vir, 19.1-8 celebra-o como um fato realizado. Isso toca o assunto da oscilação entre o passado, principalmente nos lamentos dos reis, mercadores e marinheiros (vv.9-19). A linguagem litúrgica, essencial para a recontextualização do material profético encontrado nos capítulos precedentes, capacitaria os seus destinatários a restaurar a dimensão do julgamento da Babilônia em rememoração e expectativa. Apesar de que a contemporânea Babilônia ainda não havia caído, a dimensão da rememoração, presente na liturgia, ajudaria a prover a certeza teológica de que ela cairia. Tal certeza se fundamenta nos textos do Antigo Testamento subjacentes a Apocalipse 17-18: Jerusalém foi punida, Tiro caiu, a Babilônia foi destruída (Ez 16; 26.1-28,19; Jr 50-51). De tudo isso, poder-se-ia esperar que Deus continuaria a agir no futuro como agiu no passado, o que torna possível falar desses eventos escatológicos como se já tivessem ocorrido.

Por isso a celebração sugere que o material profético de Apocalipse 17-18 deve ser lido à luz da esperança escatológica, da irrevogável vontade de Deus e da sua inevitável vitória em nome do fiel. Os vv.2-3 ligam-se aos capítulos 17-18 por meio da cláusula "pois" (19.2; 18.23). Apocalipse 18.23-24 concentra-se na severidade das ofensas da Babilônia, enquanto 19.2, na sentença divina contra ela. Se 18.23-24 detalha as injustiças pelas quais a cidade merece a punição, 19.2 detalha o julgamento pelo qual Deus merece louvor.

Apocalipse 19.2-3 apresenta o veredicto divino contra a grande prostituta, Babilônia. A expressão "da mão dela vingou o sangue dos seus servos" (v.2) consiste no cumprimento da reivindicação: "Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (6.10). Assim, o v.2 representa não só recapitulação, mas também cumprimento escatológico. Deus ouve o grito e vinga o sangue daqueles que, em fidelidade a ele, transformaram-se em vítimas da grande prostituta (18.20,23). Por essa razão, da mesma forma que a visão do incêndio da Babilônia deu aos reis, aos mercadores e aos marinheiros a causa para chorar e lamentar, a fumaça que sobe da cidade é um sinal visível da vitória divina e motivo de regozijo para o coro celestial (v.3). A doxologia celebra a realização do julgamento divino contra a cidade e, no tempo litúrgico do livro, a queda da cidade já podia ser celebrada.

"Pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso" (v.6)

Se em termos litúrgicos os vv.2-3 apresentam uma rememoração que sustenta a esperança futura, alimentada pela consciência das ações de Deus no passado, a antecipação do que está por vir, as bodas do Cordeiro (vv.6-8), brota dessas raízes. A rememoração está ligada à expectativa escatológica no presente litúrgico do hino, e a memória bíblica fornece a linguagem na qual a esperança escatológica encontra expressão. A memória bíblica torna-se a hermenêutica litúrgica apropriada num livro escrito para ser lido em alta voz diante da comunidade reunida (1.3,10).

Apocalipse 19.6-8 é a resposta à ordem dada pela voz do trono: "Dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que temeis, os pequenos e os grandes" (v.5). Com estes versos, a estrutura crescente da doxologia alcança o seu ponto mais alto: a voz que soou como uma grande multidão (v.1) é seguida por um coro ainda mais poderoso (v.6). Esta progressão segue o movimento temático da doxologia da atitude retrospectiva dos vv.2-3 para a alegre antecipação de 19.6-8.

Começando com "Aleluia", é seguido por duas cláusulas "pois". Se o v.2 afirma a justiça do julgamento de Deus, nos vv. 6-7 o coro proclama o poder de Deus e anuncia as bodas do Cordeiro. A correspondência entre o julgamento da prostituta no início do capítulo e o

anúncio das bodas do Cordeiro destaca a dinâmica interna da liturgia. A transição do caráter retrospectivo dos vv.1-2 para a frente, para o anúncio das bodas do Cordeiro que encerra a liturgia, reflete a confiança na vitória final de Deus, na qual os fiéis são convidados a participar. O motivo geral para o louvor (v.6b) é dado pela expressão bíblica: "Pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso" (Sl 93.1; 97.1). A soberania de Deus, iniciada em algum lugar do passado, estende-se até o presente. O poder soberano de Deus manifesta-se no fato de que ele derrota os seus inimigos, e o papel central de Cristo será expresso na seção seguinte que declara a sua vitória sobre todos os inimigos escatológicos (19.11-20.15).

Após a afirmação do motivo para louvar a Deus, a liturgia alcança seu ponto alto com a chegada do tempo final ao anunciar as bodas do Cordeiro. O motivo do casamento, uma linguagem em geral usada para ilustrar os vários aspectos do relacionamento entre Deus e seu povo, é encontrado com abundância na literatura bíblica. Tal linguagem indica o relacionamento entre Deus e a comunidade redimida que se define por sua fé no Cordeiro na ordem histórica e escatológica.

No Apocalipse de João, as passagens de caráter hínico junto às demais seções que celebram o poder de Deus e de Cristo, indicam um horizonte litúrgico interpretativo para o livro, no qual as comunidades rememoram e reafirmam a grandeza de tal poder. Por isso, por mais duras que sejam as circunstâncias, e embora estas comunidades esperem coisas piores para os últimos tempos, o livro fala da atuação de Deus na História e da sua presença na hora da tribulação e confiança em sua ação em favor dos fiéis. Podemos falar que este livro é uma resposta às comunidades sofredoras e oprimidas. Como literatura marginal, suas imagens de esperança trazem consolo aos fiéis. Nesta passagem que celebra a derrocada do poder opressor, retoma os profetas e interpreta os acontecimentos a seu redor. Anunciando a destruição da potência opressora, condena a opressão e incentiva as comunidades à fidelidade, transmitindo-lhes esperança. Esta esperança aponta para a ação de Deus na História e para a libertação que se aproxima.

José Adriano Filho, presbiteriano, integra a equipe de KOINONIA.

A mística e o Incondicional

Claudio de Oliveira Ribeiro

Mística. Palavra cada vez mais recorrente na sociedade brasileira. Igrejas tradicionais perplexas sem saber o que fazer diante da sede do povo pelo inexplicável, grupos de cristãos politizados igualmente perdidos, sem referenciais, loucos para descobrir por que igrejas como as pentecostais autônomas mobilizam tanto.

Onde estamos

De fato, a vivência religiosa no Brasil sofreu, nos últimos anos, fortes mudanças. Alguns aspectos deste novo perfil devem-se à multiplicação dos grupos orientais; à afirmação religiosa afro-brasileira; ao fortalecimento institucional dos movimentos católicos de renovação carismática; às expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da chamada Nova Era e que possuem nos livros de Paulo Coelho e de outros autores um forte referencial; e ao crescimento evangélico, em especial, o das igrejas e dos movimentos pentecostais. E, confessemos, são estes os que mais habitam nossos sonhos e pesadelos.

Os movimentos pentecostais são diversos e utilizam diferentes meios de articulação de suas propostas. Eles já são nossos velhos conhecidos. Pela religiosidade intimista e pelo caráter politicamente conservador de suas propostas, destacam-se: o Pentecostalismo Autônomo (denominado por alguns de Neopentecostalismo, embora quanto a esta segunda nomenclatura talvez a mais adequada seja Neocatolicismo); os grupos que utilizam programas religiosos no rádio, na televisão, servem-se de discos e de outros meios; e os movimentos de renovação carismática, que alcançam fortemente as bases das igrejas históricas e formam, no interior delas, um quadro doutrinário bastante próximo ao do Pentecostalismo.

As igrejas pentecostais autônomas, por exemplo, distanciam-se das ênfases teológicas e doutrinárias do pensamento da Reforma Protestante do século XVI. Os milagres e as curas tomam o lugar central que a tradição destinou à Bíblia e aos sacramentos. Caracterizam-se, também, como se sabe, por organizarem-se a partir da liderança de um pastor ou missionário, sob a tráfede de forte apelo popular: cura, exorcismo e prosperidade.

O crescimento numérico da Igreja Universal do Reino de Deus e de outras expressões do Pentecostalismo Autônomo tem sido atribuído, entre outros fatores, à sua profunda relação com a

matriz religiosa e cultural brasileira, como o uso incomum de objetos como mediação do sagrado e demais expressões simbólicas. (cf. José Bittencourt Filho)

Além desses aspectos, destaca-se também a maior sintonia das igrejas e movimentos pentecostais com a realidade urbana. Não há os limites geralmente encontrados no sistema paroquial da Igreja Católica, os templos permanecem abertos durante todo o dia e em diferentes lugares, as exigências para participação eclesial e de moralidade não são tão rígidas, o que facilita uma adesão considerável.

Soma-se a esses fatores a presença mais próxima do pastor na vida dos fiéis, uma vez que o período breve de formação teológica, a vida não-celibatária e a dinâmica específica de multiplicação de comunidades possibilitam aumentar o número de líderes. Estes representam para o universo simbólico popular uma referência existencial de importância singular. São os que, em situações adversas como desemprego, debilidade física ou familiar, intercedem pelas pessoas com orações e palavras de acolhida, sem importar, para elas, os métodos ou as implicações mais profundas em relação à sociedade em geral.

Ir além das ciências

Recentemente têm-se multiplicado os estudos de natureza sociológica em relação aos Novos Movimentos Religiosos. Todavia, especialmente no que diz respeito ao misticismo, um olhar teológico seria boa contribuição.

Paul Tillich foi um dos teólogos que se dedicou intensamente à reflexão sobre o misticismo. Especialmente por seu interesse sobre a Idade Média, Tillich distanciava-se dos teólogos liberais e neo-ortodoxos pela rejeição destes ao misticismo cristão. Compreendia que, sem a dimensão mística, a experiência religiosa seria um mero conjunto de doutrinas (racionalismo) ou de princípios morais (moralismo). Observem que desta forma são as nossas igrejas, mesmo as de orientação pastoral com perspectiva progressista. Não é fato? Daí a relevância da dimensão mística para os desafios pastorais.

No entanto, Tillich distinguia o misticismo presente em todas as religiões, por vezes abstrato como no Hinduísmo, do misticismo concreto do Cristianis-

mo, uma vez que, segundo Carl Braaten, este era baseado em Cristo. Esta referência à prática e ao movimento de Jesus é uma luz essencial para iluminar os olhares sobre o boom religioso que vivemos e discerni-lo, se assim for nossa vontade.

Há, contudo, outro aspecto. Paul Tillich, em sua teologia, ao mesmo tempo ressaltou o caráter profético. Esta era a contraposição criativa e dialética ao seu lado místico. Jamais poderia admitir a pretensão humana em chegar-se à

Tillich condenava o misticismo quando este era considerado como recurso humano para auto-salvação. Contra esta postura, ele ressaltava o princípio reformado da *sola gratia*

realidade divina por meio de exercícios ascéticos. Tillich condenava o misticismo quando este era considerado como recurso humano para auto-salvação. Contra esta postura, ele ressaltava o princípio reformado da *sola gratia* e afirmava que somente ela, e nenhum mérito ou dignidade humana, poderia superar a alienação entre o ser humano e Deus.

Dessa compreensão, surgiu toda a crítica elaborada por Tillich ao Protestantismo, em especial às distorções da fé, quando esta é concebida como conhecimento (intelectualismo), ato (moralismo) ou sentimento (emocionalismo). Contra tais distorções foi aplicado o conceito do "Princípio Protestante". A crítica profética que está na base deste princípio, embora não explícita com estes termos na obra de Tillich, segue a tensão bíblica entre a Lei e o Evangelho. A descrição da situação humana — momento primeiro na metodologia de Paul Tillich — é realizada pelo jugo da Lei sobre o ser humano. A resposta a este jugo vem do Evangelho — segundo momento metodológico.

Esta correlação (filosofia-teologia) construída por Tillich segue, portanto, a orientação de Lutero, na distinção entre Lei e Evangelho. Ela é elemento teológico fundamental para nossos dias, uma vez que a "situação-humana", em especial pelos resultados concretos da implementação das políticas neoliberais no Brasil, degrada-se num ritmo assustador. Avolumam-se suicídios de aposentados, distúrbios nervosos de homens e mulheres pais/mães de

famílias, disritmias de adolescentes. É a existência humana em xeque. Esta "lei" não pode ser ocultada, nem mesmo por formas religiosas (prosperidade, queima de maldições, confissão positiva, amarrações). A Boa-Nova do Evangelho, como graça de Deus, nos faria olhar o mundo cruel com outros olhos.

Ir além das seguranças

Outra indicação teológica de Tillich, da maior importância na atualidade, ante os Novos Movimentos Religiosos, é a insistência sobre a experiência radical e o enfrentamento da situação-limite do ser humano. Isso eliminaria a nossa reserva em aceitar de maneira resoluta os limites da existência humana. Tillich afirmava ser esta postura um resolutivo "não", um julgamento realizado sobre todas as formas de ideologia, seja a crença inequívoca no método

científico como caminho correto para a verdade; ou na ação pedagógica e educativa para moldar as pessoas e transformar a sociedade; ou na ação política que advoga uma conquista utópica imediata ou mesmo a manutenção de antigas tradições. Tillich indicava que até mesmo os métodos terapêuticos da psicanálise que, não obstante a profundidade de seu poder, não são capazes de conferir um significado último para a vida; ou a vivência intensa de atividades profissionais, humanitárias e ações tidas como bem-sucedidas como fuga da ameaça que a situação humana-limite traz, também podem ser formas ideológicas e idolátricas. Mas, é, sobretudo, a segurança espiritual oferecida pelos Novos Movimentos Religiosos que pode ocultar a seriedade da situação-limite do ser humano. As formas de misticismo, ocultismo e terapia dos movimentos religiosos em questão, tão comuns e conjugadas de maneiras diversas, além de criarem, muitas vezes, fanatismo e arrogância, corroboram para que o povo esqueça o que é fraco, perdendo, assim, a possibilidade de ser forte, como no Evangelho; ou de ter fome e de ter sede, e serem saciados. Não podemos esquecer que somos condicionados e finitos nem por isso deixaremos de ser amados a agarrados por aquele que é Incondicional.

Claudio de Oliveira Ribeiro, pastor metodista na Baixada Fluminense-RJ, é integrante de KOINONIA.

A comunidade cristã

Dietrich Bonhoeffer

Neste período da Reforma Protestante vale a pena lembrar cinquenta anos do assassinato de Bonhoeffer. O fazer teologia virou rebeldia contra o grande tirano, Adolf Hitler. Tramou com outros a morte do ditador e acabou preso e fuzilado (9/4/45). Uma leitura ambivalente de "Sê fiel até à morte..."

Comunidade cristã significa comunhão em Jesus Cristo e por Jesus Cristo. Nenhuma comunidade cristã poderá ser nem mais, nem menos que isto. E isto é válido para todas as formas de comunidade que os fiéis venham a formar, tanto a que nasce de um breve encontro, até a que é resultado de uma longa convivência diária. Se podemos ser irmãos é unicamente por causa de Jesus Cristo e em Jesus Cristo.

Isto significa, em primeiro lugar, que Jesus Cristo é o que fundamenta a necessidade que os fiéis têm uns dos outros; em segundo lugar, que só Jesus Cristo torna possível a comunhão deles; e, finalmente, que Jesus Cristo nos escolheu desde toda a eternidade para que durante nossas vidas nos acolhamos e nos mantenhamos unidos sempre. (...)

O cristão já não vive por si mesmo, de sua auto-acusação e autojustificação, mas da acusação e justificação que vem de Deus. Vive totalmente submetido à Palavra que Deus pronuncia sobre ele, declarando-o culpado ou justificado. O sentido de sua vida e de sua morte ele não o procura em seu próprio coração, mas na Palavra que lhe chega de fora, da parte de Deus. Este é o sentido daquela afirmação dos Reformadores: nossa justiça é uma "justiça estrangeira" que vem de fora *extra nos*. Com isto eles nos remetem à Palavra que Deus mesmo nos dirige e que nos interpela de fora. (...)

Quando lhe perguntam "onde está a tua salvação, a tua bemaventurança, a tua justiça?" ele nunca poderá mostrar a si mesmo, mas apontará a Palavra de Deus em Jesus Cristo (...)

Pois bem, esta é a Boa Notícia: o socorro veio e nos é oferecido a cada dia na Palavra de Deus que, em Jesus Cristo, nos traz libertação, justiça, inocência e felicidade.

Esta Palavra foi posta por Deus na boca dos homens para ser comunicada aos homens e transmitida entre eles. Deus quer que busquemos e encontremos sua Palavra no testemunho do irmão, na palavra humana. O cristão portanto tem uma necessidade absoluta dos outros cristãos, são quem verdadeiramente podem tirá-lo



sempre de suas incertezas e desesperanças. Quando ele quer se arrumar sozinho não faz senão extraviar-se ainda mais. Necessita do irmão como portador e anunciador da palavra divina de salvação. Necessita-a por causa de Jesus Cristo. Porque o Cristo que levamos em nosso próprio coração é mais frágil que o Cristo na palavra do irmão. Este é certo, aquele incerto. Assim fica evidente a meta de toda comunidade cristã: permitir nosso encontro para que nos revelemos mutuamente a Boa Notícia da salvação. Esta é a intenção de Deus ao nos reunir. Em uma palavra, a comunidade cristã é obra somente de Jesus Cristo e de sua justiça estrangeira. (...)

A Encarnação significa que por pura graça e vontade do Deus trino o filho de Deus se fez carne e aceitou real e corporalmente

nossa natureza, nosso ser. A partir de então nós estamos nele. Ele leva nossa carne, nos leva consigo. Tomou-nos com ele em sua encarnação, na cruz e em sua ressurreição. Formamos parte dele porque estamos nele. Por esta razão a Escritura nos chama o Corpo de Cristo. (...)

Somente mediante Jesus Cristo nos é possível ser irmãos uns dos outros. Sou irmão do meu próximo graças ao que Jesus Cristo fez por mim; meu próximo se converteu em meu irmão graças ao que Jesus Cristo fez por ele. Tudo isto é de uma grande transcendência. Porque significa que meu irmão, na comunidade, não é aquele homem piedoso, carente de fraternidade, mas o homem que Jesus Cristo salvou, a quem perdoou os pecados e que chamou, como a mim, à fé e à vida eterna. Portanto, o decisivo aqui, o que verdadeiramente fundamenta nossa comunidade não é o que podemos ser por nós mesmos, mas aquilo que somos pelo poder de Cristo. Nossa comunidade cristã se constrói unicamente pelo ato redentor do qual somos objeto e isto não é verdade apenas no seu início, de tal modo que pudéssemos, com o passar do tempo, acrescentar-lhe algo mais, mas continua sendo assim durante todo o tempo e por toda a eternidade. Somente Jesus Cristo fundamenta a comunidade que nasce ou nascerá um dia entre dois fiéis.

(Excertos de *Vida em Comunidade* publicados por *Iglesia y Misión* n.52).